

HISTÓRIAS DA ARTE E HISTÓRIAS DA AIDS NO AUDIOVISUAL BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

FRANCINE BECKER DA COSTA¹; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES²

¹Universidade Federal de Pelotas – francinebcosta2002@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se desenvolve a partir do projeto *Histórias da arte e histórias da aids desde o Brasil: discursos sobre o corpo e a enfermidade na arte contemporânea*, coordenado pelo Prof. Ricardo Henrique Ayres Alves. Nesse sentido, o trabalho investiga quatro produções audiovisuais contemporâneas brasileiras, produzidas entre 2013 e 2022, que possuem narrativas a respeito do HIV/aids. A análise surge de uma necessidade de pôr em pauta os discursos acerca da doença a partir do campo da arte no presente, período em que existe tratamento para a enfermidade, uma realidade distinta da época de seu surgimento e do período mais crítico da doença entre as décadas de 1980 e 1990. Assim, é importante discutir o estigma da enfermidade (SONTAG, 2007), bem como, a invisibilidade do tema na historiografia da arte no Brasil (ALVES, 2020). Ademais, com esse recorte, privilegia-se um período marcado por renovado interesse pelo assunto em meio aos debates contemporâneos sobre o *queer*, cuja origem está diretamente ligada à crise da aids.

Sendo assim, para compreender as visibilidades acerca da aids é possível destacar alguns autores, os quais possibilitam o entendimento sociocultural dos trabalhos. Ricardo Henrique Ayres Alves (2021) investiga a obra de três artistas, Keith Haring, Pepe Espaliú e Leonilson, que, a partir da moléstia que os acometia, desenvolveram suas produções. O texto aborda como as representações culturais sobre a doença se manifestam, dando relevante destaque ao contexto em que os artistas estavam inseridos. A contribuição de Susan Sontag (2007) para esta pesquisa se manifesta pela sua noção sobre a nocividade das metáforas vinculadas às doenças, em especial a aids, as quais dificultam a busca por tratamento graças ao estigma social. No texto de Gayle Rubin (2011), é apresentado o conceito de sistema de sexo/gênero, fundamental para a compreensão de uma doença associada à sexualidade. A antropóloga desenvolve suas ideias a respeito da culturalização relativa ao sexo em diferentes sociedades, buscando compreender como se instaura tal sistema. Por sua vez, contemporâneo à epidemia, Néstor Perlongher (1987) produz um livro sobre a moléstia no qual busca romper com as noções equivocadas sobre a transmissão e a origem da mesma. A partir de tais autores foi possível construir um horizonte teórico no qual a análise das obras foi desenvolvida.

2. METODOLOGIA

A partir das leituras de Alves (2020), Sontag (2007), Rubin (2011) e Perlongher (1987), foi empreendida uma busca por obras de arte que correspondessem ao foco da investigação. A pesquisa no banco de dados do projeto resultou na seleção de quatro obras recentes, sendo elas: *Linda, uma história horrível* (dir. Bruno Barreto, 2013), *Sinal de Alerta, Lory F.* (dir. Fredericco Restori, 2021), *A última ceia ou o beijo de Judas* (dir. Órion Lalli, 2021) e *Poder*

Falar – uma autoficção (dir. Evandro Manchini, 2022). A análise das obras teve como referência o método proposto por Manuela Penafria (2009), ligado à uma perspectiva descritiva e interpretativa, sendo também influenciado pelo debate iconológico de Erwin Panofsky (1986), também discutido por Juan Carmona Muela (2014).

O estudo dos trabalhos demandou leituras complementares para abordar aspectos particulares, sendo referências importantes Rodrigo Gerace (2015), que debate o tema do sexo e do erótico no cinema, discutindo o impacto da crise da aids nesse campo da visualidade; Bianca Tinoco (2009), e sua contribuição para o entendimento das discussões acerca da performance e da videoperformance; e Caio Fernando Abreu (2018), cujo conto foi adaptado em uma das obras cinematográficas estudadas. Elencando as particularidades de cada filme, foi possível relacioná-los com as referências bibliográficas previamente consultadas e as posteriores, percebendo suas proximidades e diferenças.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi constatado que as produções audiovisuais investigadas são permeadas pela crítica aos discursos invisibilizantes sobre a enfermidade que continuam existindo mesmo com a mudança epidemiológica da aids. Nesse sentido, o filme *Linda, uma história horrível* (2013), dirigido por Bruno Barreto, se sobressai por uma divergência em relação aos outros estudados, pois é uma adaptação de um texto de Caio Fernando Abreu, originalmente publicado em 1988, no auge da epidemia da aids, quando o tratamento paliativo eficiente ainda não existia. O filme narra a visita de um filho à casa de sua mãe, no qual acompanhamos os diálogos desconfortáveis entre os dois até serem reveladas ao espectador as manchas causadas pelo sarcoma de Kaposi na pele do sujeito. Este é um câncer de pele bastante comum em decorrência das deficiências imunológicas causadas pelo HIV e caracterizava visualmente os enfermos na época. Sendo assim, Abreu, por meio do uso de uma figura de linguagem, a elipse, fala sobre a aids sem a nomear, fato bastante característico de seus trabalhos (BESSA, 1997) mantido por Barreto em sua adaptação.

No documentário *Sinal de Alerta, Lory F.* (2021), dirigido por Frederico Restori, a narrativa é construída a partir de lembranças de familiares e amigos da cantora Lory Finocchi. Neste filme, seus conhecidos relatam o arrependimento por abandonarem a cantora quando enferma, fazendo uma autocrítica ao seu comportamento estigmatizado na época, causado também por sua ignorância diante da falta de informações. Falecida em 1993, F. sofreu em decorrência de preceitos culpabilizantes e noções equivocadas a respeito da aids. O documentário recorre a entrevistas com seus familiares na atualidade, construindo uma reflexão anacrônica ao analisar o passado da doença com um olhar atual, apropriando-se também de imagens de arquivo. Refletindo sobre os comportamentos perante a doença na época em que F. estava vivendo com aids, o filme recupera sua história e debate o arrependimento e a culpa daqueles que estiveram ao seu lado.

O registro da performance *A última ceia ou o beijo de Judas* (2021), foi produzido por Órion Lalli antes de seu exílio na França após um episódio de censura e perseguição no Brasil. Nesse vídeo, composto por uma espécie de ritual, o artista narra uma carta de despedida direcionada a sua mãe, sobrepondo possibilidades de quem ela seria: uma mulher, uma entidade ou sua pátria, opções possíveis a partir das sequências que compõem o trabalho. Sua narrativa

visual utiliza uma série de signos que corroboram com a ideia de que sua fala está ligada ao HIV/aids, sendo combinada com elementos religiosos. Alguns desses indícios: primeiramente, a sigla HIV aparece em diversos momentos, dentre eles em sua pele tatuada, e no manto que cobre seu corpo morto ao fim do vídeo, assim como o vinho, que representa o sangue de Cristo e os balões logo no começo da obra representando os doze apóstolos. Ao longo da narrativa duas oferendas são apresentadas: a primeira dedicada para a Pombagira Menina, e a segunda composta por medicamentos para tratamento do HIV. No começo do vídeo, frascos medicamentosos estão dispostos em uma mesa e, ao final da obra, o corpo do artista repousa sobre esse móvel, coberto com um manto, representando a morte social em decorrência do estigma ainda presente nos tempos atuais.

O último filme, *Poder Falar - uma autoficção* (2022), de Evandro Manchini surge de uma necessidade do diretor de se comunicar a respeito da doença a partir da sua configuração atual, revisitando a história da enfermidade, procurando um contradiscurso diante das noções estigmatizantes que permeiam o campo social. A construção da história, por vezes, possui um caráter informativo, como nas cenas em que Manchini aparece falando diretamente para a câmera a respeito dos tratamentos, como a profilaxia de pré e pós exposição (PrEP e PEP), e da qualidade de vida de uma pessoa vivendo com HIV, que pode ter sua carga viral indetectável. Isso ocorre quando a quantidade de vírus no corpo é tão pequena que ela não é detectada em exames e, por consequência, o vírus também se torna intransmissível.

Partindo dessa nova realidade, Manchini constitui seu curta por meio de imagens e palavras que fazem parte das noções preconceituosas vistas na sociedade, dialogando entre tempos, utilizando nomes de vítimas da enfermidade anteriores ao tratamento, e mencionando o *ACT-UP*, importante organização internacional de resposta à aids. Além disso, o ator também se apropria de falas de Herbert Daniel, um dos ativistas fundadores da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA).

4. CONCLUSÕES

Destarte, a presente pesquisa apresenta uma contribuição aos estudos em arte e em cinema a partir do HIV/aids. Destaca-se a importância da arte contemporânea como espaço de construção discursiva, sendo possível observar nos novos discursos sobre a moléstia uma produção permeada por duas diferentes temporalidades da doença, sendo elas o período anterior e posterior ao acesso de medicamentos eficientes para o tratamento do vírus. A partir dos filmes estudados é possível notar diferentes propostas narrativas abordando a mesma temática, as quais são permeadas pela crítica às noções estigmatizantes e, por meio da arte, buscam romper com os velhos discursos nocivos de teor falacioso.

Nesse sentido, os filmes *Sinal de Alerta*, Lory F. (2021), *A última ceia ou o beijo de Judas* (2021) e *Poder Falar – uma autoficção* (2022) destacam-se por sua narrativa construída na contemporaneidade, remetendo-se aos preconceitos de outrora que continuam vigentes. Por sua vez, o filme *Linda, uma história horrível* (2013) adapta uma história produzida em um período anterior ao tratamento efetivo, a qual por meio da elipse, evoca uma história sobre a finitude da vida em decorrência da doença. A partir dessa análise é possível afirmar que se combinam diferentes temporalidades da enfermidade nas obras, contemplando o período mais crítico da crise da aids e o momento contemporâneo, de controle

do vírus a partir do tratamento antirretroviral. Apesar das diferentes características de cada obra, a saber, adaptação literária, documentário, registro de performance e narrativa autoficcional, suas abordagens apontam para a necessidade de compreender a complexidade do HIV/aids a partir de um contexto de tratamento acessível que está em descompasso com os discursos e práticas preconceituosas ainda presentes na sociedade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, C. F. Os dragões não conhecem o paraíso. In: ABREU, C. F. **Contos Completos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 425-431.

ALVES, R. H. A. **Artes Visuais e aids no Brasil: histórias, discursos e invisibilidades**. 2020. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 446. 2020.

ALVES, R. H. A. **Miasmas e metáforas da aids nas Artes Visuais**. Rio Grande: Editora da FURG, 2021.

BESSA, M. S. **Histórias Positivas. A literatura (des)construindo a aids**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GERACE, R. **Cinema explícito: representações cinematográficas do sexo**. São Paulo: Perspectiva: Edições Sesc São Paulo, 2015.

MUELA, J. C. **Iconografía Cristiana**. Guia Básica para estudantes. Madrid, España: Akal, 2008.

PANOFSKY, E. Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: **Significado nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2 ed., 1986, p. 47-65.

PENAFRIA, M. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO SOPCOM, 6., 2009, Lisboa, Portugal. **Anais [...]**. Lisboa: Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009. p. 1-10. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf> Acesso em: 17 ago. 2023.

PERLONGHER, N. **O que é aids**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

RUBIN, G. **Políticas do sexo**. São Paulo: Ubu, 2017.

SONTAG, S. **Doença como metáfora. AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

TINOCO, B. **Performance e geração 80: resgates**. 2009. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, p. 294. 2009.